



**DO ÑANDUTI À CERÂMICA: representações da identidade paraguaia em
Josefina Plá**

**FROM ÑANDUTI TO CERAMIC: representations of Paraguayan identity in
Josefina Plá**

**DEL ÑANDUTI A LA CERÁMICA: representaciones de la identidad
paraguaya en Josefina Plá**

Valdir Aragão Nascimento¹

Resumo: Este ensaio aborda as influências e contribuições da artesã, escritora, crítica de arte e feminista Josefina Plá à cultura paraguaia, em especial a produção do ñanduti e da cerâmica. O estudo apresenta o itinerário de Josefina Plá no Paraguai desde sua chegada da Espanha, bem como suas impressões e angústias poético-existenciais a partir dos poemas *Perdóname* e *La Carreta*. Discutem-se também aspectos histórico-sociológicos e antropológicos que conformaram – e conformam ainda – as identidades correntes no Paraguai, notadamente acerca de questões referentes aos constructos sociais que permeiam a noção de *paraguayidade*, tendo como fio condutor a renda ñanduti, a cerâmica e as hibridações e transculturalidades da cultura paraguaia com os povos originais guaranis e a Espanha.

Palavras-chave: Josefina Plá; Identidade Paraguaia; Hibridismo; Multiculturalismo.

¹ Valdir Aragão Nascimento é Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Saúde e Desenvolvimento na Região Centro-Oeste PPGSD/UFMS - (Área de concentração: Saúde e Sociedade). ORCID iD – <http://orcid.org/0000-0002-1125-5100>. Email: 33valdir@gmail.com.

Abstract: This essay addresses the influences and contributions of the artisan, writer, art critic and feminist Josefina Plá to Paraguayan culture, especially the production of ñanduti and ceramics. The study presents Josefina Plá's itinerary in Paraguay since her arrival from Spain, as well as her impressions and poetic-existential anxieties based on the poems *Perdóname* and *La Carreta*. Historical-sociological and anthropological aspects that shaped – and still shape – the current identities in Paraguay are also discussed, notably regarding issues relating to the social constructs that permeate the notion of Paraguay, having as a guiding thread ñanduti lace, ceramics and hybridizations and transculturalities of Paraguayan culture with the original Guaraní people and Spain.

Keywords: Josefina Plá; Paraguayan identity; Hybridity; Multiculturalism.

Resumen: Este ensayo aborda las influencias y aportes de la artesana, escritora, crítica de arte y feminista Josefina Plá a la cultura paraguaya, especialmente a la producción de ñanduti y cerámica. El estudio presenta el itinerario de Josefina Plá en Paraguay desde su llegada de España, así como sus impresiones y angustias poético-existenciales a partir de los poemas *Perdóname* y *La Carreta*. También se discuten aspectos histórico-sociológicos y antropológicos que moldearon – y aún moldean – las identidades actuales en Paraguay, en particular en lo que respecta a cuestiones relativas a las construcciones sociales que permean la noción de Paraguay, teniendo como hilo conductor los encajes ñanduti, la cerámica y las hibridaciones y transculturalidades de la cultura paraguaya con el pueblo originario guaraní y España.

Palabras clave: Josefina Plá; Identidad paraguaya; Hibridación; Multiculturalismo.

INTRODUÇÃO

Maria Josefina Teodora Plá Guerra Galvany (1903-1999), Josefina Plá, embora seja reconhecida como uma intelectual, escritora, crítica de arte e feminista paraguaia, teve como local de nascimento a Espanha, mais especificamente na *Isla de Lobos*, Canarias; tendo imigrado em 1926 para o Paraguai aos dezoito anos em razão de matrimônio contraído – por procuração – com o artista plástico paraguaio Andrés Campos Cervera (1888-1937). No Paraguai, exerceu diversas atividades voltadas ao mundo das artes, da cultura e da comunicação, tendo ocupado espaços profissionais como artista plástica, ceramista, jornalista na imprensa escrita e no rádio, gestora cultural, escritora (contos; ensaios; peças de teatro), poetisa e professora universitária (BENATTI, 2018; COTA, 2021; FERNÁNDEZ, 2015).

A influência de Josefina Plá em relação à cultura paraguaia é reconhecida em toda a América Latina, figurando na Enciclopédia Latino Americana como “a

mulher mais influente em questões culturais paraguaias no século XX”. A autora recebeu diversos prêmios, em várias partes da América Latina, ao longo de sua vida, tendo obtido da República do Paraguai, em vida, o reconhecimento de sua contribuição à cultura paraguaia, sendo agraciada com o título de Doutora Honoris Causa pela Universidad Nacional de Asunción, na qual lecionou por vários anos (BENATTI, 2018; COELHO, 2017).

De sua lavra poética foram publicados *El precio de los sueños*² (1934), *El polvo enamorado* (1968), *Tiempo y tiniebla* (1982), Antología poética (1977), *Cambiar sueños por sombras* (1984) e *La llama y la arena* (1987) (COTA, 2021). Como contista, publicou *A Caacupé*, *Maína*, *La Jornada de Pachi Achi*, *Cayeteana*, *La Pierna de Severina*, *Sise*, *La Vitrola*, *Ña Remigia*, *Adiós Doña Susana*, *Tortillas de Harina*, *La Mano en la Tierra* e *Mala Idea*, para citar alguns (BENATTI, 2018; COELHO, 2017).

Os trabalhos literários de Josefina Plá descrevem a cultura paraguaia a partir de uma perspectiva híbrida, mesclada pela contribuição de diversos povos, com especial atenção aos povos originais guarani e a Espanha. Segundo Débora Cota (2021), uma das preocupações de Josefina Plá era a questão identitária no Paraguai, em especial face às muitas influências culturais que o país recebia, o que pode ser verificado nos títulos e nas narrativas dos personagens em obras como *Espanoles en Paraguay*, *Italianos en Paraguay*, *Hermano Negro* (ou *La Esclavitud en el Paraguay*), *El Barroco Hispano-guaraní*, *Bilingüismo y Tercera Lengua en el Paraguay*, *Nandutí: Encrucijada de Dos Mundos*, dentre outros.

A produção literária de Josefina Plá é ampla e diversificada, explorando vários gêneros literários como teatro, poesia, conto e crônica. Sua relevância foi reconhecida por um dos grandes ícones da literatura paraguaia, o escritor Augusto Roa Bastos (1999, p. 147), que dela disse, em entrevista concedida à Dora Angélica Segovia, “Ella es la representante absoluta, fuera de duda es la maestra de todos nosotros! Yo la considero mi maestra.”

² Para a leitura das obras em espanhol utilizou-se – como material de apoio e consulta eventual – o dicionário de WordReference [O Gran diccionario español-portugués português-español © Espasa Calpe, S.A., Madrid, 2001]. Disponível em: <https://www.wordreference.com/ptes/>. Acesso em: 20 jun. 2024.

Apesar de ter dado uma contribuição inestimável à literatura paraguaia e latino-americana, como também observam os autores aqui arrolados (André Rezende Benatti; Caroline Touro Beluque; Débora Cota; Dora Angélica Segovia de Rodrigues; Maria Josele Bucco Coelho; Ramón Atílio Bordoli Dolci), Plá permanece desconhecida de grande parte dos estudiosos da cultura e da literatura latino-americana. Contudo, o itinerário cultural, artístico e literário dessa autora tem sido, aos poucos, colocado em evidência no âmbito acadêmico, muito graças aos esforços de pesquisadores como os anteriormente citados.

Neste ensaio, o foco incide sobre a questão identitária no Paraguai a partir da perspectiva de Josefina Plá, uma imigrante espanhola que compreende a identidade paraguaia como um compósito complexo e multifacetado de combinações em que se complementam e dialogam aspectos socioculturais marcados pelo hibridismo, pelo multiculturalismo e pela etnicidade. Como a produção de Plá é considerável, e abordá-la em sua plenitude seria impossível nos limites de um ensaio, examinam-se aqui, de forma sucinta e como um fio condutor, a renda *ñanduti* e a cerâmica produzidas no Paraguai e elencadas como símbolos identitários.

O ensaio debruça-se também sobre a trajetória de vida de Josefina Plá, com especial relevo o tempo vivido no Paraguai e as razões que a levaram àquele país; bem como suas vivências, impressões e angústias como estrangeira, longe de sua pátria e, conseqüentemente, longe do ambiente cultural que contribuiu com sua formação intelectual. Para tanto, parte-se da análise dos poemas *Perdóname* e *La Carreta*, que representam, dentre outras possibilidades interpretativas, as incertezas e conflitos identitários da autora em relação à sua presença naquele país e às referências culturais de sua terra natal, a Espanha.

O *corpus* teórico deste trabalho orbita entorno de questões relativas a categorias como identidade, etnicidade, *identilasticidade*, hibridismo, transculturação e pós-modernidade. Para a contextualização histórico-cultural, o exame e a comparação com as realidades sociais e as representações subjetivas que delas se fazem a partir das categorias supracitadas, mobilizam-se autores como Fredrick Barth (1984; 2000), Gilles Deleuze e Felix Guattari (2010); Igor Jitsumori (2024); Néstor Garcia Canclini (1997), Stuart Hall (2000; 2003); Zilá Bernd (2008; 2011; 2013) e Zygmunt Bauman (2001; 2004; 2005), dentre outros cujas contribuições possam ser úteis ao entendimento dos processos dialético-

formativos e performativos das identidades paraguaias em suas múltiplas expressões.

Os autores arrolados comungam de uma perspectiva identitária (guardadas as devidas diferenças conceituais e matrizes epistêmico-teóricas) não engessadas em si mesmas, dado que tributárias de uma lógica identitária transcendente e indefinível (posto que fugaz), que não se reduz a classificações datadas, a configurações pré-fixadas e totalizantes (apesar de considerá-las), representadas pelas porosidades, plasticidades, mutações e (re)conciliações que engendra – “mas além disso, que evoca um pensar sobre a necessidade ética de entender que o outro faz um apelo às minhas identidades para que elas não se anulem”; nesse processo, “o ‘eu’ não se rompe, não se perde, não se rarefaz, mas se constitui com as suas ‘velhas’ e ‘novas’ identidades que exige uma acolhida no próprio ‘eu – *identilasticidades*’ que não se perde nas negociações frente ao outro” (Jitsumori, 2024, p. 31 grifo meu).

Tendo como instrumento de análise as teorias desses autores sobre a questão identitária e suas inumeráveis nuances, examinam-se alguns aspectos atinentes à produção artística-intelectual de Josefina Plá na tentativa de desvelar e analisar os dilemas identitários por ela experienciados; bem como buscar compreender a construção da identidade (ou identidades) paraguaia a partir da cultura material e imaterial latino-americana e das categorias supracitadas, quais sejam: hibridismo, identidade, ‘*eu – identilasticidades*’, transculturação e multiculturalismo.

419

JOSEFINA PLÁ: Identidades em Trânsito

Não sei quantas almas tenho

*Não sei quantas almas tenho.
Cada momento mudei.
Continuamente me estranho.
Nunca me vi nem achei.
De tanto ser, só tenho alma.
Quem tem alma não tem calma.
Quem vê é só o que vê,
Quem sente não é quem é,
Atento ao que sou e vejo,
Torno-me eles e não eu.
Cada meu sonho ou desejo
É do que nasce e não meu.*

*Sou minha própria paisagem;
Assisto à minha passagem,
Diverso, móbil e só,
Não sei sentir-me onde estou.*

Fernando Pessoa, in: Antologia Poética, p. 142.

Tomaz Tadeu da Silva (2000) aborda, em um dos seus textos, a aparente facilidade de se definir identidade, principalmente levando em consideração a percepção da realidade a partir do senso comum e suas representações. Nessa chave interpretativa, “A identidade é simplesmente aquilo que se é: ‘sou brasileiro’, ‘sou negro’, ‘sou heterossexual’, ‘sou jovem’, ‘sou homem’”, isto é, a identidade colocada nesses termos individualizados “parece ser uma positividade (‘aquilo que sou’), uma característica independente, um ‘fato’ autônomo. Nessa perspectiva, a identidade só tem como referência a si própria: ela é autocontida e autossuficiente” (SILVA, 2000, p. 74).

Não obstante, as transformações havidas no mundo em razão da globalização, e dos fenômenos socioculturais que esta globalização provoca – nominados por desterritorialização (DELEUZE; GUATTARI, 2010), deslocamento/descentramento (HALL, 2003) e transculturação (ORTIZ, 1983), dentre outros tantos –, plasmam de forma indelével as identidades, ensejando, muitas vezes de maneira compulsória, interconexões de todos os tipos que, em maior ou menor grau, tornam as relações identitárias transitórias, maleáveis, fragmentadas, híbridas, líquidas e – muitas vezes – superficiais (BAUMAN, 2001; 2004).

A discussão que envereda pelas dinâmicas processuais identitárias atravessa, obrigatoriamente, múltiplos aspectos conceituais e contextuais; bem como provoca, sugere e apresenta as muitas implicações que emergem do debate. Uma das primeiras constatações refere-se à própria concepção de identidade, visto que esta só pode ser compreendida a partir de sua existência enquanto um constructo social oriundo de um dado grupamento humano e tributário de datações e temporalidades. Nessa concepção, a identidade é um símbolo que adquire diferentes formações e conformações, sendo polissêmicas e mais ou menos compreensíveis dentro de um contexto específico que lhe confere sentido, não se constituindo como algo em definitivo (NASCIMENTO, 2012).

Uma das características da produção intelectual de Josefina Plá, de acordo com Benatti (2018), Casciero (2015) e Rodrigues (2018), é a preocupação com a

identidade paraguaia e suas nuances, permeada pelo hibridismo cultural e pelo esforço no sentido de construir-se a si mesma enquanto uma narrativa crível, reproduzível e aceitável – o que pode ser percebido na construção dos personagens de seus livros; gente marcada pelos deslocamentos geográficos e culturais e que, por isso, sofrem múltiplas influências na sua formação.

Os personagens de Plá estão sempre às voltas com conflitos identitários, bem como são localizados – nas narrativas ficcionais por ela produzidas – como indivíduos em trânsito constante entre o urbano e o rural (cidade/campo), “entre Europa e América, entre a juventude e a velhice, entre o rio (Paraguai) e o mar (Espanha) [...] personagens populares que se comunicam em *jopara* — mistura de espanhol com guarani — e cuja cosmovisão manifesta o imaginário mestiço paraguaio.” (RODRIGUES, 2018, p. 38).

A inquietação de Plá com a questão identitária perpassa por sua produção poética, em que sua nacionalidade espanhola e sua relação com o Paraguai é, por vezes, mencionada como uma espécie de *não lugar*³, um *entre espaço* que remete simbolicamente à despersonalização de identidades nacionais (*No sé cuál es mi patria verdadera*); à descontinuidade das referências espaço-temporais constituintes da saudosa fixidez de um *eu* que busca se encontrar, mesmo ausente de si mesmo (*Como un pan cuyo trigo otros han sido, Vivo un instante que jamás es mío*), marcado por “sinais visíveis do que foi”, nos quais o eu lírico não busca mais uma “gênese”, mas sim uma “diferença” (AUGE, 1992, p. 37)⁴.

O eu lírico (Plá) se vê marcado por fronteiras intransponíveis, como se pode notar do poema *Perdóname*, extraído do livro *Tiempo y tiniebla*⁵ (1982):

Perdóname si estoy aquí si ocupo

³ A respeito do conceito de não lugar, veja: Marc AUGE, Non-lieux. *Introduction à une anthropologie de la surmodernité*. Paris: Le Seuil, 1992, 155 p.

⁴ Do original: “Ce que nous cherchons dans l’accumulation des témoignages, des documents, des images, de tous les ‘signes visibles de ce qui fut’, [...] c’est notre différence, et ‘dans le spectacle de cette différence l’éclat soudain d’une introuvable identité. Non pas une genèse, mais le déchiffrement de ce que nous sommes à la lumière de ce que nous ne sommes plus’”. (AUGE, 1992, p. 37).

⁵ Disponível em: <http://letrasparaguayas.blogspot.com/2010/11/josefina-pla-tiempo-y-tiniebla-poemario.html> Acesso em: 12 jun. 2024.

este hueco y la tierra que yo pise
Perdón si estoy aquí Yo no lo quise
Cómo llegué hasta aquí nunca lo supe

*Mi pasaporte a ciegas lo sellaron
No sé cuál es mi patria verdadera
Y rondo sin cesar una frontera
que ni los mismos sueños traspasaron*

Agua bebo que fue de otros llorada
Como un pan cuyo trigo otros han sido
Vivo un instante que jamás es mío

Sólo tengo unas lágrimas contadas
para el dolor de todos en mí erguido
y con un vaso he de llenar un río
(PLÁ, 1982 [1980], p. 9, grifo meu).

O eu lírico sente-se deslocado, não pertencente ao lugar que ocupa, “*No sé cuál es mi patria verdadera*”, por isso pede perdão pelo que considera uma invasão aos domínios do *outro*, a uma alteridade distante e aparentemente impenetrável de um espaço simbólico que é ao mesmo tempo fluido (água/lágrima) e fixo (terra/trigo/pão) e do qual o eu lírico (Plá) acredita não ter participação já que vive um instante que jamais é seu.

422

O *outro* representa o desconforto que incomoda o eu lírico (Plá) em razão de não poder alcançá-lo, dadas suas características ambivalentes e fugidias que, a um só tempo, reúnem em si pares de opostos aparentemente irreconciliáveis devido às suas naturezas diversas (água/lágrima e terra/trigo/pão). O eu lírico não percebe, no nível consciente, que é nesse cenário de negação subjetiva de acesso que ele se constrói, se reconstrói e se ressignifica, que é por meio do incômodo que o *outro* lhe provoca que ele pode moldar “*elastidentidades*⁶ de proliferação”, encontrar a

⁶ O conceito de *elastidentidade* tem como definição aquilo que “[...] no tempo infinito sofre inúmeras intervenções, rupturas e oscilações. Que, em momentos outros, retornam as suas identidades como sendo moradas, de formas repensadas, recolocadas, modificadas, mas ainda assim, aquilo a qual se entende como identidade que me define em meio a tudo isso que não é mais o mesmo. As identidades ao serem elásticas têm sempre um centro de forças que as atraí, mas ao mesmo tempo podem ser impulsionadas pelo desejo do outro”. Cf.: JITSUMORI, Carlos Igor de Oliveira; NOLASCO, Edgar César. “Das identidades para as 25 identilasticidades: uma perspectiva outra do pensar e saber descolonial”. In: JITSUMORI, Carlos Igor de Oliveira;

“diferença” a partir dos seus inumeráveis e múltiplos “eus” (Jitsumori, 2024, p. 36). A relação simbólico-poética presente na aparente distância entre água e terra denuncia a possibilidade de simbiose entre o eu lírico (Plá) e a realidade que o circunda, dado que, simbolicamente, sem o encontro entre água e terra não há trigo e, consequentemente, pão.

É nesse sentido, salvo engano, que o eu lírico (Plá) busca alcançar (inconscientemente por meio dos pares de opostos que aciona) alteridades *outras* para compor a mescla identitária que almeja; não sabe a que pátria pertence, qual delas é a verdadeira (Paraguai e Espanha), não sabe *sentir-se onde está*, porque já não pode definir-se a partir de um único ponto referencial, de uma única possibilidade de *ser*, de uma *mesmidade* autorreferenciada – conscientiza-se, assim, da presença constante, nem sempre percebida, da *outridade* que se expressa na forma de múltiplos e abissais estranhamentos e das muitas forças que os animam, e por isso sofre (HALL, 2000; PAZ, 1982). A fronteira que ronda sem cessar não é física, geográfica, delimitável; é a fronteira onírica e inefável em que circulam diuturnamente seus muitos “eus” em trânsito, em conflito consigo mesmos diante da possibilidade de distender-se de si e – talvez – perder-se ou complementar-se em *elastidentidades* de proliferação que não consegue controlar.

423

Essas identidades elásticas e multifacetadas aparecem na profícua e diversificada obra de Josefina Plá, visto o caráter polissêmico de suas atividades profissionais e de produção como artista da palavra e do barro. Foi escritora, poeta, jornalista, ceramista, historiadora... Inegavelmente uma artista de muitos talentos, reconhecida em toda a América Latina principalmente por sua inestimável colaboração à cultura paraguaia, nomeadamente no campo da literatura. Em que pese todas os papéis que desempenhou em sociedade, nunca deixou de ser ela mesma (múltipla, fractária, inconclusa, diversa), ainda que sendo outras, muitas outras; posto que se desdobrou em *elastidentidades* de proliferação, no dizer de Jitsumori (2024), e deixou transbordar seus muitos “eus” (com todas as suas complexidades dialéticas e vulnerabilidades) em tudo o que se propunha a fazer.

NOLASCO, Edgar César; VALE, Fábio (Orgs.). *Pedagogias e Práticas Educacionais*: ancoragens político-descoloniais contemporâneas. Campo Grande, MS: Editora Ecodidática, 2022, p. 38.

Marcado pela *estrangeiridade* que, via de regra, confronta, compara, soma e divide subjetividades, por olhares e estados de consciência alterados pela incongruência das certezas e pela ambiguidade de sentimentos, o eu lírico (Plá) ressignifica paisagens, altera os cenários, traça caminhos (e descaminhos) que não levam a lugar nenhum, a não ser para dentro de si mesmo; revive na memória o passado distante, redesenhando um mapa-mosaico que representa um itinerário confuso e ambíguo que não se encontra nem aqui nem lá, nem na alteridade, nem na *outridade*, mas em uma mescla entre ambas as possibilidades de existência.

O eu lírico do poema *Perdóname* justifica sua presença intrusa assumindo que esta se deve à força de circunstâncias que não controla “Perdón si estoy aqui. Yo no lo quise. Cómo llegué hasta aquí nunca lo supe”, o que o torna um estrangeiro involuntário diante de si mesmo, um eu lírico que descobre não ser “senhor em sua própria casa” (FREUD, 1987, p. 178), à deriva em um mar de (im)possibilidades ao qual supõe não ter se lançado. Esse eu lírico percebe-se – em um primeiro momento – fragmentado e descontextualizado diante do *outro*, posto que não reconhece nele semelhanças imediatas e mediadas pelas estruturadas fundantes das culturas em contato, como se depreende da leitura e análise de outro poema de Josefina Plá chamado *La Carreta*.

424

¿Viste el camino de los cuadros?
De dónde viene, ignoras no sabes dónde va
y la carreta marcha pero salir no puede
del cuadro en donde está
yo voy en ese carro que en el cuadro se aleja
sin moverse jamás de donde está.
no sé si el carro marcha ni quién del carro tira
dónde empezó el paisaje, donde terminará
quizá tan solo dentro de mi las ruedas giran
y fuera todo muerto está.
(PLÁ, 2009)

Aqui, o eu lírico conclama a um interlocutor imaginário que este veja os caminhos dos quadros, que representam a fixidez, a falta de mobilidade e a impotência em que se encontra, não sabendo de onde vem nem para onde vai enquanto ente transitório que percorre não lugares em si mesmo. A inconstância está presente no eu lírico, tanto interna quanto externamente. Desloca-se no cenário inamovível de uma paisagem sem fim nem começo, suspeitando que a realidade que testemunha pode ser apenas um eco do seu mundo interior – “*quizá*

tan solo dentro de mi las ruedas giran” –, também ele fragmentado e à procura de uma identidade de origem.

Contudo, o eu lírico apresenta a si mesmo uma saída, hipotética, entretanto possível, “quizá tan solo dentro de mi las ruedas giran y fuera todo muerto está”. A aridez da paisagem exterior contrasta com o movimento interior, representando uma centelha de esperança na aparente fuga impossível de um estado de coisas desagradáveis para um espírito (eu lírico, Plá) que clama por movimento dentro de um quadro estático, tudo lá fora está morto, contudo, “la carreta marcha”. O carrinho opõe-se à fixidez do cenário, marcha, ainda que em vão, “pero salir no puede del cuadro en donde está”, ainda assim marcha, insiste, resigna-se.

“Yo voy en ese carro que en el cuadro se aleja”, nesse trecho fica claro que o eu lírico está no carro que se afasta, sem sair do lugar, imagística poética que remete ao caráter dicotômico da realidade na qual Josefina Plá vivenciava, uma estrangeira dividida entre dois mundos, duas culturas. O uso dos verbos ir, sair, afastar, mover, girar e marchar (que sugerem movimento) representam a inquietude de Josefina Plá com o seu destino, pintado em um quadro em que tudo que se tem é desolação, solidão e desesperança. Esse universo lírico reproduz o sentimento vivido por Josefina Plá como estrangeira distante de suas referências socioculturais, sublinhada pelas incertezas que a conduzem a um lugar (ou lugares) que não tem começo nem fim.

Os poemas são melhores compreendidos, a partir da perspectiva identitária, quando se analisa a história de vida de Josefina Plá. Em razão de seu casamento com o artista paraguaio Andrés Campo Cervera, que conheceu em 1924 em Villajoyosa, município da província espanhola de Alicante, Josefina Plá foi residir com o esposo no Paraguai, chegando ao país em 1926, como já mencionado, e se estabelecendo inicialmente na Villa Aurelia e anos depois em Asunción. Portanto, a força das circunstâncias da vida a levaram ao Paraguai e, conseqüentemente, à cultura paraguaia e suas raízes (RODRIGUES, 2018).

Os poemas de Josefina Plá (*Perdóname* e *La Carreta*) supracitados refletem os dilemas colocados ao sujeito pós-moderno, este que se vê diante de múltiplas possibilidades identitárias das quais desconhece as potencialidades; porém, reconhece seu caráter imperativo. Contudo, com o passar do tempo e o poder das hibridações e transculturações, esse sujeito pode descobrir “os outros em si mesmo, e perceber que não se é uma substância homogênea, e radicalmente

diferente de tudo o que não é si mesmo; eu é um outro. Mas cada um dos outros é um eu também, sujeito como eu” (TODOROV, 2010, p. 4).

É um sujeito pós-moderno que sofre a transformação de suas referências constituintes, obrigando-o a aceitar no todo ou em parte que as identidades não são fixas, eternas e inamovíveis; mas sim um produto datado, perecível e ressignificável oriundo de relações que dialogam com a diversidade sociocultural em todas as suas dimensões. Esse sujeito pós-moderno, cambiável, cambiante, inapreensível em sua essência, dado que constantemente *desessencializado*, ressignificado e “radicalmente diferente de tudo o que não é si mesmo” (TODOROV, 2010, p. 4), não obstante, buscando ser diferente (AUGE, 1992), é descrito por Plá no seguinte excerto: “Yo quiero ‘ser siempre’ pero al propio tiempo me resisto a cambiar. [...] Multiplicándome sin repetirme. Estar dejando de ser constantemente lo que no se llegó a ser. Ser lo que nunca alcanza a ser lo que permanece”.

Nas palavras de Hall (2000, p. 13), “[...] o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas [...]”. Reconhecendo a impossibilidade da existência de uma identidade independente e absoluta, unificada entorno de si, segura e autossuficiente, Hall (2013, p. 13) acredita que o que ocorre é uma aumento significativo dos sistemas de significação e representação cultural, o que faz com que os indivíduos se apercebam da existência de inúmeras possibilidades de conformação identitária, sendo “confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente”.

É como um ente em trânsito, marcado por *identilasticidades*, deslocamentos e ressignificações constantes que Josefina Plá tece suas considerações sobre o país que a acolheu, buscando alguma forma de aproximar culturalmente Espanha e Paraguai por meio de suas pesquisas, peças teatrais, contos e poemas. Essa transitoriedade é, em Plá, produto de um devir cuja manifestação se dá em espaços de tempo diferentes, embora tal transitoriedade não possa ser entendida fora dos elementos comunicantes que a condicionam e determinam, ou, nas palavras de Deleuze e Guattari (1980, p. 307), “onde as bordas se sucedem traçando uma linha quebrada”.

A RENDA ÑANDUTI: Tecendo identidades, cosendo alteridades

Para o pesquisador Andre Rezende Benatti (2022, p. 2), a análise que Plá faz da renda *Ñanduti* é uma dessas tentativas de aproximação,

O ñanduti é o olhar do outro, no entanto, deste outro, Josefina, espanhola de nascimento que está buscando de alguma forma, assim como o próprio ñanduti conseguiu, o seu lugar em uma trama cultural distinta no qual o entrecruzamento provoca a criação de uma cultura completamente diversa das duas anteriores

Em *Ñanduti: Encrucijada de Dos Mundos*, discutindo a respeito do *Ñanduti*⁷, uma espécie de bordado, Plá (1998) menciona o caráter híbrido e exógeno da técnica artesanal que produz o *Ñanduti*, técnica oriunda de terras espanholas, mas aperfeiçoada por mãos crioulas e mestiças que, por sua vez, acrescentaram características próprias e reorganizaram pontos tradicionais da composição do bordado em uma ordem peculiar; exemplo da transculturação a que Ortiz (1983) faz menção.

Para sustentar sua tese, Josefina Plá e Gustavo Gonzáles (1983) analisaram a literatura paraguaia publicada no país, em especial as crônicas. Nessa pesquisa não encontraram menção à renda *Ñanduti* nos autores das crônicas produzidas desde o início do período colonial paraguaio, com exceção de crônicas esparsas produzidas pelo Padre Sánchez Labrador. Plá (1991, p. 64) relata que coube ao Padre Sánchez Labrador catequizar os Mbayá-Guaicurú localizados na região e Belén (Paraguay), denominada de Tarumá. Devido à essa missão, teve de viajar pelo rio até a cidade de Asunción, onde teve a oportunidade de presenciar as “las señoras españolas que enseñaban a las indias de su Reducción – con fines

427

⁷ O *Ñanduti* é considerado uma produção artesanal típica do Paraguai, tendo grande relevância cultural no país. A cidade paraguaia de Itaguá concentra a confecção da renda, mas outras cidades também se dedicam à produção. Atualmente, a renda *Ñanduti* é representada, no Paraguai, como parte da história do país, visto que se acredita que a técnica utilizada para fazer o bordado é oriunda da cultura indígena guarani – o que é reforçado pelas lendas e tradições do povo paraguaio. Contudo, em verdade, ela foi inserida no Paraguai pelas mãos de mulheres dos colonizadores espanhóis, oriundos das Ilhas Canárias há mais ou menos 300 anos Cf.: SILVA, Dayse Centurion da; ALVES, Gilberto Luiz. “Ñanduti: história e lendas de uma prática cultural do povo paraguaio”. *Espaço Ameríndio*. Porto Alegre, v. 16, n. 1, p. 47-65, jan/abr. 2022.

prácticos enderezados a la suntuaria religiosa de la misma – a tejer encajes con soles y cribos (calados)”.

Apesar da escassez de informações histórico-etnográficas relativas à origem da renda *Ñanduti*, o que se sabe mesmo é que ela representa, além de um símbolo de identidade cultural, um amálgama de vivências, técnicas e saberes que se convergiram – e convergem ainda – ao longo da história da Espanha e do Paraguai, passando por diversos processos de transculturação, ressignificação e hibridação que a mantém, também, como um símbolo de transformação e resistência. Barth (1984) entende tais convergências como resultado dos fluxos de espacialidades diversas em que cisões, conformidades e conteúdos de *co-tradições* podem ser – e o são – inseridos tanto em espaços geográficos quanto em perspectivas sociossimbólicas.

A propósito da transculturação e hibridação a que a técnica *Ñanduti* foi exposta no Paraguai, Rodrigues (2000, p. 4) tece as seguintes considerações:

A técnica do artesanato chegou na época da conquista, e apesar desta técnica ainda ser a mesma, no decorrer do tempo, cores e efeitos são diferentes, sofreu os efeitos de uma transculturação, em consequência de (in) fusão de culturas. Após a montagem do sistema de círculos e os seus múltiplos raios, ainda hoje, a tecedora recheia os espaços vazios - espaços estes, anteriormente delimitados –, com pontos de infinitas combinatórias.

428

A historiadora e escritora paraguaia Annick Sanjurjo Casciero (2015) defende, à semelhança de Plá e Gonzáles (1983), que a origem do *Ñanduti* não se deu em terras paraguaias; todavia, foi adotado pela população do país como um símbolo identitário representativo de um modo de ser paraguaio. Originalmente denominada de Tenerife, a renda *Ñanduti* é de origem espanhola, mais especificamente de uma região conhecida como Extremadura⁸, uma das cidades da Espanha, localizada no sudoeste da Península Ibérica. A capital da cidade de Extremadura é Mérida e está subdividida em duas províncias, as mais extensas do país: Cáceres ao norte e Badajoz ao sul.

Plá (1998, p. 59) ressalta que o *Ñanduti* “no es invención local; pero merece serlo”, dado o grau de arte e beleza que a cultura material paraguaia inseriu na técnica de feitura das rendas espanholas, transformando-as em um símbolo da

⁸ Disponível em: <https://www.amazonasemais.com.br/espanha/extremadura/>.

identidade cultural do Paraguai. Segundo Silva (2021, p. 49), a renda *Ñanduti* é uma releitura crioula da renda Tenerife, por sinal mais bem-acabada que a “original”, e “na qual a mulher paraguaia retocou seus traços e enriqueceu seus pontos esplendidamente, criando novos pontos a partir da imitação de elementos da fauna, da flora e de imagens do cotidiano das terras paraguaias”

A abordagem de Plá e Gonzáles (1983) sobre a renda *Ñanduti* problematiza questões bastante sensíveis e, portanto, caras à cultura paraguaia, haja vista que confronta duas versões de origem de um símbolo nacional do país, que de tão relevante foi alçado à categoria de Patrimônio Cultural Imaterial da nação, de acordo com o artigo 81 da Constitución de la República de Paraguay (1992).

[...] e seus conhecimentos e técnicas aproveitam os benefícios e garantias outorgados pela Lei 5621/16 acerca da proteção do patrimônio, com o propósito de que os portadores desta significativa tradição nacional a mantenham em vigor. No tempo. Da mesma forma, a SNC promoverá em todas as áreas a salvaguarda da reserva *Ñanduti*, em trabalho direto com as comunidades transportadoras, ou com a prevista participação com alianças interinstitucionais para esse fim. Da mesma forma, fará a revisão desse patrimônio declarado a cada 10 anos, documentando devidamente sua validade ou antecipando sua salvaguarda urgente em caso de risco (PARAGUAI, 2019).

Plá e Gonzáles (1983) apresentam duas versões a respeito da origem do *Ñanduti*, uma de natureza histórica e outra de viés sociocultural imaginado e reproduzido pelas tramas culturais que emergem do repertório das tradições ancestrais ameríndias e das lendas populares do povo paraguaio. Na versão histórica, a técnica artesanal utilizada na confecção do bordado é originária das Ilhas Canárias e chegou ao Paraguai trazida por mulheres espanholas; na versão popular, a origem do *Ñanduti* é encontrada entre os Guaraní pré-colombianos e se deram a conhecer ao povo paraguaio por meio das criações literárias que contavam lendas muito difundidas no Paraguai e que, por isso, se tornaram muito populares e aceitas como verdade (SILVA; ALVES, 2022).

As duas versões, ainda que aparentem, não são antagônicas do ponto de vista da história cultural, dado que ambas seriam “invenções”; posto que construídas a partir de fragmentos que articulam realidade e discurso na tentativa de explicação de um real complexo, multifacetado e fugidio. As duas versões em tela configuram tradições inventadas, nos termos de Hobsbawm e Ranger (1997, p. 9), visto que compreendem “tanto as tradições realmente inventadas, construídas e formalmente institucionalizadas”, quanto aquelas cujas origens são

muito mais difíceis “de localizar num período limitado e determinado de tempo”, a exemplo do *Ñanduti*. Como adverte Certeau (2011, p. 57 grifo meu), “o estudo histórico está muito mais ligado ao complexo de uma *fabricação específica e coletiva* do que ao estatuto de efeito de uma filosofia pessoal ou à ressurgência de uma ‘realidade’ passada”.

A respeito do caráter inventivo que caracteriza e conforma as culturas nacionais em vários contextos mundiais, e no Paraguai não seria diferente, é pertinente a análise de Melia (1997, p. 70):

Inventar es entrar en el juego. La cultura propia ha de ser un elemento de "ataque", no de "defensa". Inventar es inventarse, no sólo a sí mismo y frente a los otros, sino también para los otros y con los otros. Si se inventa sólo para sí mismo se cae en la actitud central del imperialismo, tal y como hace el primer mundo con la tecnología. Si la cultura paraguaya no sabe o no aprende a inventarse para y con los otros, o bien caerá en el conservadurismo claustrofóbico o en la disolución suicida colgado de lo extraño y extrañante. La invención sólo es posible en el diálogo, no en el monólogo.

Esse caráter híbrido que emana do bordado paraguaio (*Ñanduti*) é, conforme salienta Canclini (1997), parte de uma complexa rede de inter-relações, convergências e hibridações cuja mola mestra localiza-se nos caminhos e descaminhos por que percorrem as forças criativas individuais e coletivas, tanto na arte quanto ao que tange à vida cotidiana e aos processos que suscitam o avanço tecnológico. Canclini (1997, p. 22) explicita o funcionamento dessa rede complexa de inter-relações, convergências e hibridações com o seguinte exemplo:

[...] os migrantes camponeses que adaptam seus saberes para trabalhar e consumir na cidade ou que vinculam seu artesanato a usos modernos para interessar compradores urbanos; os operários que reformulam sua cultura de trabalho ante as novas tecnologias produtivas; os movimentos indígenas que reinserem suas demandas na política transnacional ou em um discurso ecológico e aprendem a comunicá-las por rádio, televisão e internet.

O *Ñanduti* no Paraguai é um símbolo de identidade nacional e cultural, visto que alinha o nacionalismo às expressões materiais e imateriais da cultura paraguaia em vários aspectos, desde o estético-imagético, que impressiona pela beleza das formas, cores e nuances, até a conformação de lendas, contos e causos aleatórios que subjazem e dão sustentação às narrativas do *Ñanduti* como um símbolo identitário-representativo marcado por uma espécie de “pureza de origem”.

Em se tratando da questão identitária no Paraguai, as identidades nacional e cultural, à semelhança de outros povos, é parte dos constructos históricos e político-sociais inerentes aos aspectos socioculturais e psicossociais que as particularizam (NASCIMENTO, 2012). É essa a discussão que Josefina Plá aborda em sua produção intelectual, especificamente da renda *Ñanduti*, é esse caráter de “invenção” que ela problematiza; não como algo negativo, mas como algo que produz o novo a partir de elementos já dados – e é por isso que ela defende, como já sublinhado, que o *Ñanduti* “no es invención local; pero merece serlo” (PLÁ 1998, p. 59).

Nesse sentido, o *Ñanduti* é também um símbolo de identidade étnica, posto que é acionado como um sinal diacrítico que diferencia a cultura material paraguaia da de outros povos e, por conseguinte, confere aos nativos do país uma *paraguayidade* que pode – e é – ser estruturada em termos dicotômicos como “nós” e “eles” ou, ainda, “nós” versus “eles” (BARTH, 2000). Essa divisão instrumentaliza e potencializa as identidades (nacionais, étnicas, culturais) quanto ao papel que lhes cabe no processo de manutenção da organização social e do reconhecimento da importância de aspectos contrastivos na construção e sustentação de subjetividades identitárias, tanto coletivas⁹ quanto individuais.

431

CULTURA MATERIAL E HIBRIDISMO: convergências hispânico-guaranis

O hibridismo cultural na obra de Josefina Plá aparece também na sua produção como ceramista. Para Plá, a cerâmica paraguaia é uma mistura de técnicas e concepções artísticas tributárias da convergência entre as culturas guarani e hispânica; portanto, oriunda de um hibridismo dinâmico e transformador, posto que une materiais e concepções estéticas diferentes e produz algo novo do ponto de vista artístico. Seus esforços na compreensão da cultura paraguaia é também, segundo Cota (2018, p. 29), uma busca por uma identidade, ou um “desejo de identidade” visto que “procura conhecer, explicar e entender culturalmente o Paraguai”.

⁹ DOMINGUES, José Maurício. **Sociological theory and collective subjectivity**. Londres, Macmillan, 1995. Disponível em: <https://link.springer.com/book/10.1057/9780230376342> Acesso em: 5 jun. 2022.

Cota (2018, p. 28) visualiza duas questões recorrentes na produção artístico-cultural de Josefina Plá, por um lado, diz, “a leitura e a busca por explicação das artes no Paraguai pela confluência das culturas locais e estrangeiras, guarani e espanhola; por outro, ainda que em relação direta com o anterior, seu interesse e consideração pelas culturas das alteridades que compõem o país.”

A concepção de identidade híbrida paraguaia que atravessa a obra de Josefina Plá traduz um pouco de sua própria trajetória pessoal, visto que como uma estrangeira não comunga das crenças populares que conformam a realidade e a identidade paraguaias, possuindo destas uma visão diversa. Para Plá, há um entrecruzamento entre a cultura hispânica peninsular e a cultura hispano-mestiça paraguaia – o que pode ser percebido na análise que a autora faz do *Ñanduti* e suas origens e da cerâmica paraguaia (PLÁ; GONZÁLES, 1983).

A relação simbiótica que Plá (1970) estabelece entre a cultura guarani e a hispânica é apresentada tendo como estrutura fatos básicos como a existência multissecular do guarani sobre a terra; a chegada do colonizador espanhol ao Plata, sua escolha de residência e sua decisão de se estabelecer permanentemente na região – e sua consequência lógica, a miscigenação (BENATTI, 2018; CASCIERO, 2015; RODRIGUES, 2018). Independentemente da perspectiva com a qual se examine o processo de construção da cultura paraguaia, afirma Plá (1970), sempre existirá convergências e hibridações entre as matrizes culturais guarani e hispânica. E também, acrescenta Plá, a despeito das paixões que esses fatos essenciais suscitem e tendam a conduzir as interpretações acerca do processo de hibridação,

[...] não há dúvida de que a miscigenação nesta região, realizada em condições peculiares, oferece na sua origem e desenvolvimento posteriores caracteres claramente diferenciados em relação a outras regiões do América latina. De fato, foi uma mestiçagem precoce e massiva, alcançada como consequência de um acordo livremente contratado por ambas as partes e como um selo de ajuda mútua¹⁰ (PLÁ, 1970, p. 19).

¹⁰ [...] no cabe duda de que el mestizaje en esta región, realizado en condiciones peculiares, ofrece en su origen y posterior desarrollo caracteres netamente diferenciados con respecto a otras regiones de hispanoamérica. Fue en efecto un mestizaje temprano y masivo, al cual se llegó como consecuencia de un acuerdo contraído libremente por ambas partes, y como sello de una ayuda mutua (PLÁ, 1970, p. 19)

Nessa perspectiva de hibridação cultural, parece razoável a interpretação de que a abundante produção artística e intelectual de Josefina Plá, grande parte dela levada a cabo no Paraguai, seria a busca de se aproximar, de alguma forma, do país que a acolheu (FERNÁNDEZ, 2015). Alicerça a interpretação de Fernández os muitos trabalhos de Josefina Plá, desde suas atividades no mundo das artes plásticas, tanto como artista quanto como organizadora de eventos, até sua vasta contribuição literária.

Como artista plástica, a produção de Josefina Plá aborda e remete ao hibridismo cultural e a elementos identitários que são acionados para construir uma identidade cultural paraguaia que se quer representativa, especialmente por meio de compósitos pinçados da história do país. A cerâmica é o material elencado por Plá para compor parte de suas narrativas ficcionais; mas também é uma constante na sua produção material que faz referência ao hibridismo cultural que moldou a identidade cultural do Paraguai. Um exemplo dessa referência é, como observa Cota (2018, p. 3), o barro na obra de Josefina Plá, visto que o seu uso em composições artísticas “expõe um arquivo grandioso e inacabado sobre a história cultural do Paraguai e em seu interior evidencia-se uma efetiva preocupação com a identidade cultural paraguaia, e um debruçar sobre a figura do Outro reivindicando-o como elemento formador de tal cultura.”

433

Esse hibridismo – constante da concepção de Josefina Plá a respeito da formação identitária paraguaia – se dá em razão de sua condição de estrangeira que negocia com o lugar que a acolhe espaços outros de pertencimento comum. Segundo Hall (2000, p. 447), as pessoas que se veem compelidas, por força das contingências e de contextos adversos que não controlam, a transitar por fronteiras diversas e/ou se estabelecerem em terras estrangeiras são forçadas a transigir “com a nova cultura sem ser assimiladas e sem perder sua identidade. Não são e nunca serão unificadas no velho sentido, porque elas são irrevogavelmente o produto de várias histórias e culturas interconectadas, pertencem a uma e ao mesmo tempo a várias casas”.

Nesse movimento de pertencer a várias casas há um deslocamento constante de identidades que, por sua vez e por ação de condições diversas, se ressignificam, se transformam e se metamorfoseiam sem perderem sua essência. Assim, esse movimento/deslocamento é inerente ao processo de transculturação, posto que transfere aos grupos envolvidos características identitárias que podem ser acionadas para melhor operacionalizar a vida social. Nesse sentido, a hibridação

que emerge dessas inter-relações consiste muito mais em um processo do que um resultado, posto que representam “processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas” (CANCLINI, 1997, p. 19).

AS MARCAS DA DIFERENÇA: transculturalidade e linguagem no Paraguai

Mas a questão da existência sociocultural do hibridismo na cultura paraguaia não é somente uma impressão subjetiva de Josefina Plá da realidade no Paraguai, visto que a conjuntura cultural do país é marcadamente híbrida, indelevelmente tributária da transculturalidade e/ou transculturação que, segundo Ortiz (1983), resume-se a um processo cujo resultado é representado pela fusão cultural que se dá entre apropriações, trocas e ressignificações recíprocas de elementos socioculturais de grupos humanos em contato. Ilustra essa assertiva o contexto de diglossia¹¹ representado pelas tensões linguísticas que permeiam a realidade concreta, na qual há um embate entre língua autóctone, definitivamente atravessada pela oralidade tradicional, e a língua considerada culta – com a qual as esferas linguístico-semânticas indígena e popular disputam espaços de representação e reclamam reconhecimento.

434

O escritor paraguaio Damián Cabrera, em artigo publicado em 2016 intitulado *Literatura Paraguay/Guaraní – Transversalidades*, discute a respeito do termo guarani e seus desdobramentos na cultura do Paraguai, denotando que naquele país o vocábulo assume uma aura de bipolaridade em que, de um lado, figura o colonial, e de outro, o indígena. Cabrera (2016) entende a mestiçagem hispano-guarani, o colonial e o indígena, como um mito fundacional do

¹¹ O termo *Diglossia* designa o contexto de bilinguismo em que uma língua suplanta cultural, social e economicamente uma outra, ocasionando um processo de estigmatização no qual uma das línguas sofre depreciação. Outros fenômenos que podem ser tributas à transculturação é o yopara, mistura de línguas que mudam as formas de comunicação entre os indivíduos de uma cultura, no caso à paraguaia; servindo como elemento de distinção entre classes sociais. Cf.: MELIÀ, Bartolomeu. Diglosia en el Paraguay (o la comunicación desequilibrada). In ORLANDI, Eni Pulcinelli (org.) **Política linguística na América Latina**. Campinas: Pontes, 1988; MELIÀ, Bartolomeu. La novedad guaraní (viejas cuestiones y nuevas preguntas) Revisita Bibliográfica (1987-2002). **Revista de Indias**, 2004, vol. LXIV, núm. 230 Págs.

nacionalismo paraguaio no qual há predominância de uma categoria sobre a outra, do colonial em detrimento do indígena.

Para Cabrera (2016, p. 2), na mestiçagem hispano-guarani

[...] están implicadas negaciones e invisibilización de uno de sus componentes, el indígena, en favor de la cultura colonial que ha signado los horizontes de la sociedad. La constatación ineludible de que la mayoría de la sociedad paraguaya, aún hoy, habla guaraní habilita un horizonte ambiguo que requiere de cierta transparencia: aunque su lengua sea el guaraní, la sociedad paraguaya no es Guaraní, aun cuando se autodenomine guaraní.

Não obstante seus esforços por reconhecimento, o universo semântico indígena e popular é sempre rechaçado pelas instâncias oficiais, o que inviabiliza a oficialização de sua presença na cultura paraguaia e promove, ou reforça, o processo de obscurecimento das diversas matrizes culturais do país. Assim, as línguas indígenas não oficializadas tendem a ser marginalizadas nos processos comunicacionais, posto que seus falantes podem ser associados a uma esfera semântica considerada de caráter arcaico, ultrapassada e que representa um certo distanciamento da civilização, ou de um ideal civilizatório (NASCIMENTO, 2012).

435

Segundo Mendonça (2011), o bilinguismo paraguaio é recorrente na produção literária de Plá, na qual as mulheres de classes economicamente menos favorecidas costumam se expressar em *yopará*¹², uma mistura do guarani e do espanhol, como se percebe, conforme Débora Cota e Rodrigues (2021, p. 8) e Mendonça (2011, p. 12), na leitura das seguintes obras: *Cuentos completos* (2000): “A Caacupé” constante do livro *La mano en la tierra* (1963); “Maína”, “La jornada de Pachi Achi” e “Cayeteaná”, presentes na obra *El espejo y el canasto* (1981); “La pierna de Severina”, “Sise”, “La vitrola”, “Ña Remigia”, “Adios Doña Susana” retirados de *La pierna de Severina* (1983); e “Tortillas de harina”, de “La muralla robada”(1989).

A mescla entre a língua espanhola com o guarani se verifica, como observado, em várias produções de Josefina Plá, a exemplo do conto “Mandiyu”,

¹² Para mais informações sobre o tema, veja: LUSTIG, Wolf. **Mba'êichapa oiko la guarani?** Guaraní y jopara en el Paraguay. Disponível em: <http://www.staff.uni-mainz.de/lustig/guarani/art/jopara.pdf>. Acesso em: 12 set. 2022.

que articula os dois idiomas no processo de comunicação dos personagens. Em certa altura do conto, Plá (2014, p. 144, grifo meu) constrói uma narrativa referente ao personagem Perú Almada, a quem apresenta – em espanhol – como alguém que tem certo prestígio social em razão de suas posses econômicas e a forma de dispendê-las “Él no era un gringo miserable que se guarda los billetes; él sabía sacarlos al sol”; e termina o parágrafo usando o guarani para demonstrar a generosidade do personagem para com aqueles que não tiveram a mesma sorte: “- *Che co cuimbaé... Jhetá arecó la plata... Che convidá entero, pe, lo mitá...* [Eu sou um homem da roça... Tenho muito dinheiro... Eu convido todos, meninos¹³.]”

As narrativas ficcionais de Josefina Plá, em suas várias formas de expressão, fazem convergir e divergir as muitas semelhanças e diferenças existentes no Paraguai, utilizando, para isso, estratégias comunicacionais multimodais; posto que aciona e faz convergir – para produzir sentidos diversos – o oral e o escrito na leitura cultural do paraguaio e de seu país. Os personagens que compõem suas narrativas misturam ficção e realidade, deixando a descoberto um universo de experiências e perspectivas socioculturais que permeiam o tecido social e dão testemunho da complexidade dialético-identitária que caracteriza o Paraguai.

Não obstante, é forçoso que se diga, a respeito ainda do oral e do escrito como fenômenos linguísticos, que não se concebe hierarquização entre as duas categorias, isso porque a segunda é representação da primeira; e esta – por sua vez – eterniza uma interpretação do mundo que sobrevive aos indivíduos, ou seja: “A língua é um sistema do qual todas as partes podem e devem ser consideradas em sua solidariedade sincrônica.” (SAUSURRE, 2006, p. 102).

Rodrigues (2000) entende o *yopará* como a emanção da força criadora e transformadora do hibridismo, dotado de potencialidades que transcendem as representações semântico-linguísticas dadas e compõe um novo léxico hispânico-guarani; muito mais plural, preenche de múltiplos sentidos e representativo de uma busca identitária que almeja dar sentido a um mundo sociocultural marcado pelo colonialismo e suas muitas influências. Rodrigues (2000, p. 83) entende que “O *yopará* é muito mais do que uma linguagem cheia de gírias, termos populares

¹³ Para a tradução do guarani para a língua portuguesa foi utilizado o dicionário *¡Guarani*, disponível on-line no seguinte link: <https://www.iguarani.com/?p=inicio> Acesso em: 22 set. 2022.

como ‘ningó’, ‘mbaé’, ‘picó’, ‘luego’, ‘kuera’, ‘maera’, etc. nascem do anseio de encontrar um consenso e uma identidade”

Nessa perspectiva, o *yopará* é parte do universo linguístico guarani-paraguaio, haja vista que a língua (ou línguas) de um povo consiste em uma forma de expressão de sua identidade (ou identidades), já que é por meio dela que se transmitem costumes, valores e interpretações do mundo e da realidade circundante, sendo imprescindível sua proteção à sobrevivência cultural de um povo. Não obstante, o processo de preservação não deve fazer com que a língua fique engessada em si mesma, parada no tempo; coisa impossível, já que como as culturas as línguas são vivas e se transformam ao longo de sua dinâmica sócio-histórica. Assim, as línguas devem ser consideradas como processos complexos e multifacetados formados ao longo do tempo pelas interações, inter-relações, convergências e divergências; partes estruturantes, indissociáveis e indispensáveis da constituição sociocultural, psíquica e identitária de uma sociedade (HALL, 2000).

O emprego do oral e do escrito na obra de Josefina Plá tem uma preocupação identitária, mais especificamente com a construção de uma identidade nacional própria em detrimento de heranças coloniais. Para Jorge Schwartz (1995, p. 34), empregar de forma coloquial uma língua é um processo de resistência, uma estratégia de diferenciação a partir da subversão de uma normatividade linguística historicamente imposta: “Essas diferenças são uma forma de oposição à ideia fixa da herança colonial estática, e servem como elemento confirmador do nacional”.

A propósito das questões linguísticas e político-culturais que caracterizam a história e a realidade social do Paraguai, o linguista e antropólogo Bartomeu Meliá (2004) ressalta que existe preconceito e opressão linguística em vários níveis, pois o castelhano costuma oprimir o guarani paraguaio, que costuma, por sua vez, oprimir o guarani indígena e demais línguas indígenas constantes no país. Nesse contexto semântico-comunicacional, as identidades se manifestam, se cruzam, se interpenetram e se negam em um constante processo dialético que transforma e conforma a realidade social.

Sobre isso, Stuart Hall (2000, p. 36) acredita que no lugar de se pensar as culturas nacionais como unidades indivisíveis, engessadas em si mesmas, dever-se-ia pensá-las como partes constituintes de um mecanismo discursivo “que representa a diferença como unidade ou identidade.” As culturas nacionais,

continua Hall (2000, p. 36), são permeadas por diversas e profundas ramificações e diferenças internas; tendo suas “unificações” “apenas através do exercício de diferentes formas de poder cultural. Entretanto – como fantasias do ‘eu inteiro’ [...] as identidades nacionais continuam a ser representadas como unificadas.”

CONSIDERAÇÕES Finais

A identidade paraguaia é permeada por fatores diversos, desde os religiosos até os relacionados aos conflitos havidos no país, em especial a chamada Guerra Grande (1864-1870) ou Guerra do Paraguai. Herdeira de influências indígenas e do processo de colonização das Américas, congrega em suas manifestações culturais elementos materiais, imateriais e sociossimbólicos tributários desse processo de hibridação, a exemplo dos que Josefina Plá maneja em sua vasta produção como artesã ceramista e escritora.

Plá descortina em sua produção os aspectos relativos aos processos de construção das identidades no Paraguai, especificamente as identidades cultural e nacional. Aponta quais foram os elementos utilizados na confecção dessas identidades, bem como eles foram habilmente trabalhados, tanto consciente como inconscientemente, para serem aceitos como partes constituintes de uma *paraguaidade* que se apresenta, e é aceita, muitas vezes, como única.

A renda *Ñanduti* e a produção cerâmica são, para Plá, símbolos identitários que particularizam a cultura paraguaia, tanto para si mesmos quanto para os países vizinhos. Os processos de hibridações são, quando reconhecidos, meros detalhes; dado que o resultante é algo novo que supera o original; portanto, algo diferente e digno de figurar como representante das manifestações tradicionais oriundas de uma ancestralidade que não se perde no tempo.

Esses símbolos identitários configuram as fronteiras culturais do Paraguai, servindo como sinais diacríticos para diferenciar o *eu* do *outro* nos contínuos processos de interação sociocultural. É essa interação a que se refere Josefina Plá por meio de sua produção que se expressa “nos limites simbólicos e situacionais onde culturas diferentes se inter-relacionam e se influenciam, guardando – em que pese sua aproximação – as características culturais que as particularizam e as definem, tanto diante de si mesmas quanto diante do Outro.” (NASCIMENTO, 2012).

A preocupação de Plá com a questão identitária no Paraguai reflete, como ressaltado pelos autores aqui discutidos, sua condição de estrangeira e a ausência de referenciais comuns que pudessem inseri-la na cultura local. É com essa inquietação que Plá busca encontrar semelhanças histórico-culturais entre sua terra natal e o país que a recebe, tentando encontrar a si mesma em um contexto que, a seus olhos, a despersonaliza, descontextualiza e desterritorializa.

Referências

- AUGE, Marc, *Non-lieux*: Introduction à une anthropologie de la surmodernité. Paris: Le Seuil, 1992.
- BARTH, Fredrick. *O guru, o iniciador e as outras variações antropológicas*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000.
- BARTH, Fredrick. “Problems in conceptualizing cultural pluralism”. In: David Maybury-Lewis (ed.), *The Prospects for Plural Societies*. Washington, D.C.: The American Ethnological Society, 1984.
- BARZOTTO, Leoné Astride; BACHIEGAS, Leonimar; Noraci BRAUCKS, Cristiane Michel. “O empoderamento latino-americano por meio da literatura: Josefina Plá, Alice Vaz de Melo & Isabel Allende”. In: *Literatura interseções transversões*. Paulo Sérgio Nolasco dos Santos, Leoné Astride Barzotto (organizadores) – Dourados-MS: Ed. UFGD, 2013. p. 255-288.
- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Ed. Zahar, 2001.
- BAUMAN, Zygmunt. *Amor Líquido*: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- BELUQUE, Caroline Touro. *Vozes na fronteira*: transculturalidade nos contos de Josefina Plá. 2010. 141 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Comunicação, Artes e Letras, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, MS, 2010.
- BENATTI, André Rezende. “Cultura Popular e Modernidade em Josefina Plá”. *RELACult* - Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade 8, no. 1 (abril 15, 2022). Disponível em:

<https://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/2114> Acesso em: 15 dez. 2024.

BENATTI, André Rezende. *As tramas da cultura na obra de Josefina Plá: arte, palavra e imaginação*. 2018. 207 f. Tese (Doutorado em Letras Neolatinas) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

BORDOLI DOLCI, Ramón Atilio. *La problemática del tiempo y la soledad en la obra de Josefina Plá*. 1981. 588 f. Tese (Doutorado em Literatura Hispanoamericana) - Facultad de Filología, Universidad de Santiago de Compostela, 1981. Disponível em: <https://eprints.ucm.es/id/eprint/53088/1/5309866173.pdf> Acesso em: 10 fev. 2025.

CABRERA, Damián. “Josefina Plá: Narrativas del Deseo a la Guerra en el Cuento ‘Jesus Meninho’”. In: *Josefina Plá: uma produção múltipla e moderna desde a cultura paraguaia*/ Débora Cota; Daiane Pereira Rodrigues (Orgs.). Foz do Iguaçu: EDUNILA, 2021. p. 148-162.

CASCIERO, Annick Sanjurjo. *Ñandutí, encajes del Paraguay*. 3ed. Southern Cross Press. 2015.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

COELHO, Maria Josele Bucco. “Josefina Plá e a conformação do conto paraguaio: a desolação de pertencer a dois mundos”. *Letras de Hoje* (Porto Alegre), v. 52, n. 4, out./dez. 2017, p. 483-493. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/lh/a/P3v8y6SP3MkSQ33Dsk444pc/?lang=pt> Acesso em: 22 nov. 2024.

COELHO, Maria Josele Bucco. *Mobilidades culturais na constística Rio-platense de autoria feminina: tracejando as poéticas da distância em Josefina Plá e Maria Rosa Lojo*. 2015. 200 f. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS, Porto Alegre, 2015.

COTA, Débora. “Josefina Plá e o barro como lugar de arquivo”. *Travessias*, Cascavel, v. 12, n. 1, p. 21-36, jan./abr. 2018. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/19219/12617> Acesso em: 12 ago. 2024.

COTA, Débora. “Barro: um projeto de modernidade cultural em Josefina Plá. In: *Josefina Plá: uma produção múltipla e moderna desde a cultura paraguaia*”. Débora Cota; Daiane Pereira Rodrigues (Orgs.). Foz do Iguaçu: EDUNILA, 2021. Disponível em: https://portal.unila.edu.br/editora/livros/e-books/josefina_pla.pdf Acesso em: 12 jan. 2024.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34, 2010. Disponível em: <https://joacamillopenna.files.wordpress.com/2013/08/deleuze-guattari-o-anti-c3a9dipo.pdf> Acesso em: 12 nov. 2024.

DOMINGUES, José Maurício. *Sociological theory and collective subjectivity*. Londres: Macmillan, 1995. Disponível em: <https://link.springer.com/book/10.1057/9780230376342> Acesso em: 5 jun. 2024.

FERNÁNDEZ, Miguel Ángel. “Interculturalidad y transculturalidad en la literatura y el arte de Josefina Plá”. In: *Josefina Plá: la producción cultural en la encrucijada*. Paraguai: Assunção, 2015, p. 11-28.

FREUD, Sigmund. *Conferências introdutórias à psicanálise*. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, v. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1987. (Trabalho original publicado em 1917).

GARCÍA CANCLINI, Nestor. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade* São Paulo: Edusp, 1997.

HALL, Stuart. *Identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HALL, Stuart. Quem precisa da Identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 103-133.

HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence. (Orgs.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

JITSUMORI, Carlos Igor de Oliveira. “Descolonizar identidades latinas: para um descomparar nas identilasticidades com anseio ético”. *Cadernos de estudos culturais*, Campo Grande, MS, v. 1, p. 31-42, jan./dez. 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/cadec/article/view/22069> Acesso em: 2 jan. 2025.

MELIÀ, Bartolomeu. “La novedad guaraní (viejas cuestiones y nuevas preguntas) Revisita Bibliográfica (1987-2002)”. *Revista de Indias*, 2004, vol. LXIV, núm. 230 Págs. 175-226, ISSN: 0034-8341.

MELIÀ, Bartolomeu. “Diglosia en el Paraguay (o la comunicación desequilibrada)”. In ORLANDI, Eni Pulcinelli (org.) *Política lingüística na América Latina*. Campinas: Pontes, 1988.

MELIÀ, Bartolomeu. *El Paraguay inventado*. Asunción/Paraguay: Cepag, 1997.

MENDONÇA, Suely Aparecida de Souza. *A representação da mulher paraguaia em contos de Josefina Plá*. 2011. 191 f. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual Paulista,

Programa de Pós-Graduação em Letras, 2011. Disponível em:
<http://hdl.handle.net/11449/103646> Acesso em: 01 dez. 2024.

MENDONÇA, Suely Aparecida de Souza. “Fronteiras, migrações e plurilinguagens nos contos ‘Jesús Menhino’, de Josefina Plá, e ‘Saca suerte’, de Hélio Serejo”. In: *Literatura interseções transversões* / Paulo Sérgio Nolasco dos Santos, Leoné Astride Barzotto (organizadores) – Dourados-MS: Ed. UFGD, 2013. p. 331-344.

MENDONÇA, Suely Aparecida de Souza. “Vozes femininas das classes pobres paraguaias em contos de Josefina Plá”. In: *Josefina Plá: uma produção múltipla e moderna desde a cultura paraguaia*/ Débora Cota; Daiane Pereira Rodrigues (Orgs.). Foz do Iguaçu: EDUNILA, 2021. p. 77-121.

NASCIMENTO, Valdir Aragão do. “*Yo soy paraguayo, chamigo*”. Breve estudo sobre a identidade no Paraguai. 2012. 177 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal da Grande Dourados/UFGD, Dourados/MS, 2012.

PARAGUAY. *Constitución de la República del Paraguay*. Asunción, 1992. Disponível em: <http://www.tsje.gov.py/constituciones.php> Acesso em: 8 jan. 2025.

PAZ, Octavio. *O arco e a lira*. Tradução de Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

PLÁ, Josefina. *Cuentos completos I*. Assunção: Servilibro, 2014.

PLÁ, Josefina. *Ñanduti*: encrucijada de dos mundos. [Catálogo de la exposición de la colección del Museo del Barro en la exposición del Museo Fernández Blanco]. Buenos Aires, 1993. Disponível em: <https://goo.gl/Ii5k63>. Acesso em: 12 jan. 2024.

PLÁ, Josefina; GONZÁLES, Gustavo. *Paraguay: el Ñanduti*. Asunción: Museo Paraguayo de Arte Contemporáneo, 1983.

PLÁ, Josefina. *Español y guaraní en la intimidad de la cultura paraguaya*. Assunção: Caravelle, 1970.

PLÁ, Josefina. *Poesías completas*. Edición de Miguel Ángel Fernández. Assunção: El Lector, 1999.

PLÁ, Josefina. *Tiempo y tiniebla* (Poemario) - Conversación previa (José María Gómez Sanjurjo y Carlos Villagra Marsal, entrevistan a la autora) / Alcándara Editora, Colección Poesía, 9 - 1982. Disponível em: <http://letrasparaguayas.blogspot.com/2010/11/josefina-pla-tiempo-y-tiniebla-poemario.html> Acesso em: 12 jun. 2022.

PLÁ, Josefina. “La Carreta y Biografía (Poesías)”. *TRILCE* - UNA REVISTA DE POESÍA: CREACIÓN Y REFLEXIÓN - *TERCERA ÉPOCA* Nº 25/ABRIL 2009.

Disponível em: <http://letrasparaguayas.blogspot.com/2010/05/josefina-pla-la-carreta-y-biografia.html> Acesso em: 12 jun. 2022.

PESSOA, Fernando. *Antologia poética*. São Paulo: Nova Fronteira, 2011.

RODRIGUES, Dora Angélica Segovia de. *Kuatiá Mbaapó: Josefina Plá e a poesia do nandutl gusta vo?* 2000. 157 f. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis/SC, 2000. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/79389/180991.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 13 jun. 2024.

RODRIGUES, Dora Angélica Segovia de. “Uma visita a Augusto Roa Bastos” entrevista à Dora Angélica Segovia. *TRAVESSIA revista de literatura*. Crítica cultural latino-americana. Santa Catarina. Editora da UFSC. No. 38. jan/jun 1999.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. Tradução Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 27ª ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SCHWARTZ, Jorge. “Lenguajes utópicos. Nuestra ortografía bangwardista”: tradición y ruptura en los proyectos lingüísticos de los años veinte. In: PIZARRO, Ana (Ed.). *América Latina - palavra, literatura e cultura*. São Paulo: Unicamp, 1995. p. 33-55.

SILVA, Dayse Centurion da; ALVES, Gilberto Luiz. “Ñanduti: história e lendas de uma prática cultural do povo paraguaio”. *Espaço Ameríndio*, Porto Alegre, v. 16, n. 1, p. 47-65, jan./abr. 2022.

SILVA, Tomaz Tadeu da. “A produção social da identidade e da diferença”. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2005.

TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: a invenção do outro*. São Paulo: Martins fontes, 2. Ed. 2010.

Artigo Recebido em: 05 de janeiro 2025.

Artigo Aprovado em: 16 de março de 2025.